

VIOLÊNCIA QUANTIDADE DE SEQÜESTROS RELÂMPAGO TAMBÉM AUMENTOU ENTRE JANEIRO E MARÇO DESTE ANO

Número de homicídios cresce 10% no Estado no primeiro trimestre

Até março, houve 495 assassinatos no Estado, 47 a mais que no mesmo período de 2004

ADEMAR POSSEBOM

Após um ano de queda no número de homicídios em relação ao período anterior, 2005 começa de forma preocupante: só nos primeiros três meses, as estatísticas sobre assassinatos já revelaram um aumento de 10% no número de casos em relação ao mesmo período do ano passado.

Em 2004, foram registrados 448 assassinatos no primeiro trimestre. Neste ano, 495 pessoas foram mortas no Estado. Na Região Metropolitana (incluindo Guarapari e Fundão), também houve aumento, mas foi um pouco menor. O número de pessoas assassinadas passou de 333 para 355, tendo crescido 6%.

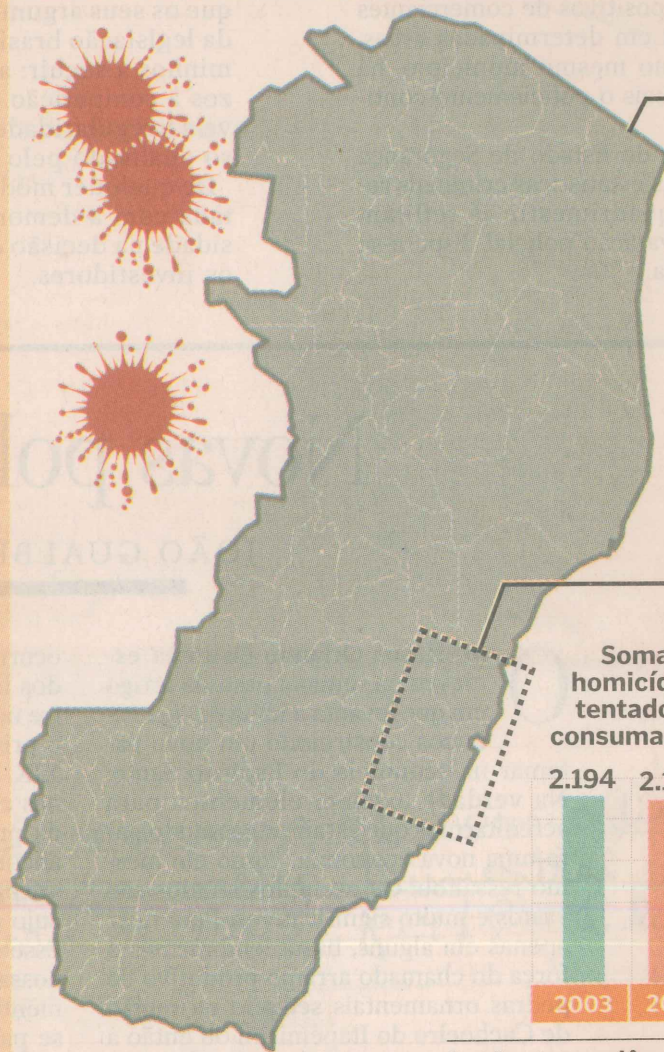
Tanto no Estado quanto na Grande Vitória, o crescimento aconteceu em janeiro e fevereiro. Em março, houve queda, a que o secretário de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (Sesp), Rodney Miranda, credita às mudanças na prevenção e no combate ao crime.

Um exemplo é a mudança

AJ22188

Os registros de violência

Confira os dados relativos ao primeiro semestre do ano passado e deste ano

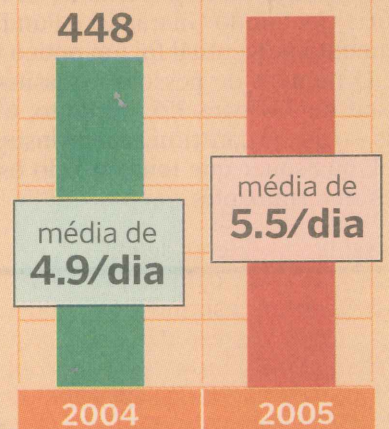


HOMICÍDIOS NO ESTADO

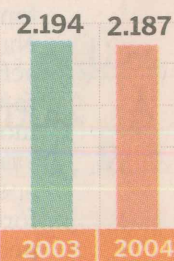
Cresceu 10%

	JAN	FEV	MAR
2004	162	146	140
2005	204	155	136

Total



Soma de homicídios tentados e consumados



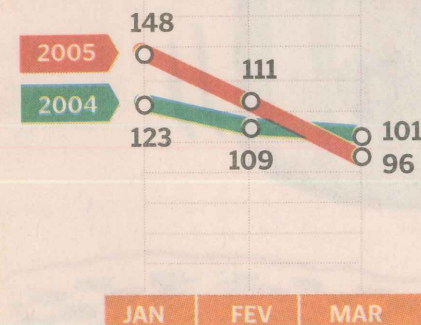
Seqüestros relâmpago
Em 2004, 319 registros

NA REGIÃO METROPOLITANA

Cresceu 6%

HOMICÍDIOS

	Total	Média
2004	333	3.7/dia
2005	355	3.9/dia



SEQUESTROS RELÂMPAGO

	Total	Média
2004	85	quase 1/dia
2005	109	mais de 1/dia



combate ao crime.

Um exemplo é a mudança no comando do policiamento metropolitano, em março. A Sesp, no entanto, ainda não consegue explicar tamanha evolução.

“Estamos trabalhando com uma redução ainda maior, em torno de 10%, para abril. Essa redução, em parte, é resultado das medidas de prevenção e combate metropolitano, onde acreditamos que esteja 80% do problema”, disse Rodney Miranda, que acrescentou que tudo foi baseado em informações levantadas por meio do Centro Integrado Operacional de Defesa Social (Ciodes).

Integração. “As ações estão mais uniformes, levando menos em consideração a realidade de cada município, e integradas entre as polícias. Vamos ter novidades nos próximos meses e até nos próximos dias, mas não posso falar quais são. As ações eram mais empíricas. Agora, trabalhamos mais com inteligência”, afirmou.

Miranda disse ainda que pretende fazer um balanço da violência no final de abril, junto de explicações sobre o crescimento do número de mortes.

Pais tentam transformar dor em amor



CHOQUE. A família do estudante Lutyano Trevisan, 14 anos, assassinado no último dia 3, ainda está abalada. Depois do crime, que aconteceu perto do Conjunto Atlântica Ville, em Vitória, onde moram, os parentes quase não saem mais de casa e tiveram a rotina totalmente alterada. “Tenho que tomar remédios, porque não sou tão firme para esse abalo. Aquilo mudou tudo. Não temos mais a alegria do meu filho”, disse a mãe da vítima, Neiva Monteiro, 38 anos. Além de estarem ainda mais apegados ao catolicismo, eles promoveram uma manifestação para pedir paz no último dia 17 (foto). “Tentamos transformar a nossa dor em amor”, disse Neiva. FOTO: EDSON CHAGAS

Casos de seqüestro aumentam neste ano

O agravamento da violência no Estado não se manifesta apenas no crescimento do número de assassinatos registrado pela polícia. Cresceu também o número de seqüestros relâmpago, em todo o Estado, neste primeiro trimestre, em comparação com as estatísticas do mesmo período de 2004. As informações são da Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (Sesp).

O aumento aconteceu principalmente em janeiro, quando totalizaram 42, 12 a mais que no ano passado. A Sesp diz que estuda o que houve e implementa medidas – não-divulgadas – para reprimir os casos.

“Estive reunido esta semana com as polícias para discutir e definir novas medidas de combate ao seqüestro relâmpago. Espero que possamos começar a colher frutos dessas mudanças no final do mês que vem”, afirmou Rodney Miranda.

O secretário informou que tem se reunido semanalmente

com as polícias para definir políticas específicas de combate a diferentes crimes. Cada reunião é temática, e uma delas, que aconteceu nesta semana, tratou do aumento dos seqüestros relâmpago.

Alguns casos tiveram grande destaque, com o da coordenadora da Guarda Civil de Vitória, Vanda Valadão. Ela foi seqüestrada em janeiro por dois homens, horas antes de assumir a função na Prefeitura de Vitória, num semáforo da Avenida Desembargador Santos Neves, na Praia do Canto. Uma pessoa que viu o fato e acionou a polícia, que conseguiu livrar a coordenadora da guarda.

Outro caso foi o do universitário Neander Bayer, 29. Ele foi friamente assassinado em março após ser rendido no estacionamento da faculdade, às 12h, e morto logo após ser levado a um matagal, também em Vila Velha. O assassino filmou as ameaças que fez ao estudante com o celular da vítima.

ANÁLISE

Penélope Zecchinelli Sampaio

“É preciso conversar”

As reações dos familiares das vítimas de mortes violentas são variadas. Mesmo quando a família sabe do envolvimento com atividades perigosas, fica chocada. O principal questionamento é sobre o motivo. Geralmente, as mães ficam revoltadas, e os pais desenvolvem sentimento de vingança. Muitas pessoas envolvem-se em atividades com crianças para evitar que a mesma violência aconteça com mais pessoas e também para mostrar que não estão conformadas. Mas é saudável perder um pouco o convívio social, para entender o que aconteceu. Quem pode, deve viajar, para colocar a cabeça em ordem. Se dá vontade de chorar, deve-se chorar. Mas o mais importante é conversar, falar sobre o assunto com detalhes, dentro e fora da família. De preferência, com pessoas que já passaram pela mesma situação. O que não é saudável é ficar doente por quatro ou cinco anos.

Penélope Zecchinelli Sampaio é psicóloga e psicanalista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo

Famílias das vítimas também sofrem

Famílias ficam desestruturadas depois de assassinato de um de seus membros

Cada nova morte significa, quase sempre, que mais uma família é desestruturada. Em muitos casos, morre a pessoa que era responsável por manter financeiramente as crianças da casa. Mas, até quando a vítima ainda é dependente dos pais, a vida muda radicalmente e pode levar meses para se reestruturar.

Na maioria dos casos, a rotina de trabalho é alterada e até abandonada, planos para o futuro são desfeitos, o sono

é perturbado e nem remédios ajudam a retomar uma vida normal. É o que acontece, hoje, com a família do universitário Neander Bayer Martins, 29 anos, morto em 15 de março, após ter sofrido seqüestro relâmpago, ao sair da faculdade, em Vila Velha.

“Nossa família acabou. Minha mulher não consegue trabalhar, acorda e dorme chorando, mesmo tomando remédios. Meu filho mais novo, que voltaria para Vila Velha para completar o mesmo curso que Neander, desistiu. Vou para o trabalho nas nuvens, não tenho mais metas. Não consigo dormir, só cochilar. Não temos perspectivas”, disse o comerciante Edson Martins, 54, pai de Neander.

Segundo ele, toda a família está revoltada e não entende tanta violência. “A Justiça não deveria soltar, em sete anos, presos condenados a 30. Deveriam investir nos presídios e deixá-los cumprir a pena lá dentro. Pessoas como a que matou o Neander agem com a certeza da impunidade e devem ser afastados da sociedade”, disse

Consolo. Outra vítima da violência, o subtenente da Polícia Militar da reserva Paulo César Machado de Barros não se recuperou do assassinato da filha Bethânia. Ela trabalhava na Maternidade de Vila Velha, em outubro último, quando foi morta pelo ex-namorado, um médico

com quem trabalhava.

Para superar a dor da perda, ele luta, junto da esposa e dos outros dois filhos, para cuidar do neto de quatro anos que Bethânia lhes deixou. “Quem pensa em matar deveria pensar nos que ficam. Hoje, sentimos muita falta da nossa filha, mas ficamos felizes quando essa criança sorri”, disse Paulo Barros.

Lutar para cuidar de quem ficou também é o que sugere a presidente da Associação das Mães e Famílias de Vítimas de Violência no Estado (AMAFVV/ES), Maria das Graças Narcot. “Isso evita que mais pessoas cometam crimes, além de ajudar a nos consolar”, disse. A associação atende a 450 pessoas.